

ENEIDA, O MATIZ SOCIAL NUM TECIDO DE LIRISMO

Josse Fares

Foi numa tarde de ensaio do nosso internacionalmente desconhecido Grupo Mãos Dadas, que tive oportunidade de mergulhar nessa onda de emoção que é Eneida.

Ela me veio pelas mãos de um amigo, o Aldemir, o que agora canta no coro dos anjos (antes cantava na Casa do Choro). Quando chegou, abriu-me um sorriso e emprestou-me Aruanda e Banho de Cheiro, querendo dividir comigo essa sempre - viva de amor, Eneida.

Quando comecei a ler as obras - numa encadernação de Tó Teixeira - não conseguia mais parar e fui me envolvendo nesse lirismo matizado de social. A identificação foi imediata. Entreguei-me por inteiro. A cronista paraense, radicada no Rio de Janeiro, vai tecendo com fios de nostalgia e memória um fino tecido de humanidade. Uma Belém de ares provincianos se descortinava diante dos meus olhos. Pude ouvir então a polifonia da cidade com seus tipos característicos, suas tradições, seu andar ainda maneiro e leve.

Creio que não existe narrador sem memória. E é da reminiscência que a escritora vai tirando o retrato de sua época, marcada pelo sombrio Estado Novo Getulista. De sua retina iluminada vêm as dores, as torturas sofridas no Pavilhão dos Primários, Rio de Janeiro, onde conviveu com Olga Benário, Elisa Saborovsky, entre outras companheiras.

A dor, no entanto, não amofinou essa mulher em sua ânsia pela liberdade. Sua pele ficou no chicote, mas mesmo assim, o barulho dos tamancos no lajedo do presídio, soavam-lhe como a mais pungente canção da liberdade. O verde de seus olhos haveria de se espalhar no coração de todos. Afinal, para ela, a própria vida é um bem coletivo.

Nesse momento, gostaria de entoar os versos de João de Jesus Paes Loureiro que dizem:

Com dez metros de saudade
fiz a minha fantasia
Vá um guiso de tristeza
na camisa da alegria
Quem são eles? Quem fio ela
que a voz do povo aplaudia?

Eneida sempre livre,
Eneida sempre cor,
Eneida sempre viva,
Eneida sempre amor.

Eneida me fez acreditar que a tessitura do coração do homem foi bordada com linhas de solidariedade e amor, muito amor. Por isso tenho esperança.

Josse Fares - professora de Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa do Curso de Letras da UNAMA. É co-autora de Texto e Pretexo, experiência de contextualização a partir da literatura de autores amazônicos, obra adotada na UNIVERSITÉ CHARLES DE GAULLE, LILLE III, Paris.